

ARTE E CULTURA NA REFORMA AGRÁRIA – FORTALECENDO O ESPAÇO DO TERRITÓRIO

Anderson Costa Silva¹

Graduado em Licenciatura em Letras (Português-Literatura) – UFC
Aluno de Especialização em Cultura Folclórica Aplicada – IFCE
Rua Estado do Rio 1164, Pici – Fort/CE – 60441-150 – (85)86598610
e-mail: andyc4ever@yahoo.com.br
andersoncmacena@hotmail.com

Jomar Alves (Carramanhos)²

Graduado em Tecnologia em Artes Cênicas – CEFET/CE (Atual IFCE)
Rua Coronel Gonçalo 173, Aerolândia – Fort/CE – 60850-530 – (85)88772400
e-mail: jo_belo_mar@hotmail.com

M. de Lourdes Macena Filha (Orientador Prof. Ms.)

lourdesmacenacnf@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho mostra relatos de vivência de dois pesquisadores e dançarinos envolvidos com a cultura popular tradicional em dois assentamentos do estado do Ceará, para realizar oficinas de formação artística e técnica em torno de trabalhos já desenvolvidos por grupo de jovens na comunidade. As ações fazem parte de um programa do INCRA-CE de registro e manutenção de manifestações artístico-culturais dos assentamentos cearenses. Para a elaboração dos relatos contamos com o método de investigação participante, entrevistas com os integrantes e comunidade. No decorrer de nossa experiência reconhecemos a forte influência da pedagogia da autonomia e do oprimido, ambas de Paulo Freire, como real norteador de nossas ações perante as comunidades visitadas.

Palavras chaves: Assentamentos, Danças Tradicionais, Identidade Cultural.

Simpósio: Folclore e práticas educacionais

1. Introdução

O trabalho desenvolvido trata-se de um relato de vivências realizadas nos Assentamentos de Tiracanga em Canindé/Ce e Boa Água em Banabuiú/Ce promovendo oficinas em danças tradicionais com grupos artísticos, formados por jovens, existentes nas respectivas regiões. Priorizamos elementos dos folguedos para o aproveitamento desse conhecimento em dança fortalecendo objetivos, metas e propósitos do assentamento na questão da Reforma Agrária, oferecendo, assim, um conhecimento teórico-prático para a utilização da identidade cultural local, cearense, nordestina e brasileira no fazer artístico. A

metodologia utilizada foi por meio de observação participante com relatos de experiências dentro e fora das aulas, entrevistas com os alunos e residentes do assentamento, além de registro imagético e relatório de ações desenvolvidas para a coordenação geral do projeto, valorizando assim a utilização da dança como um acontecimento social e como instrumento modificador da realidade na formação da cidadania de cada indivíduo.

2. O Projeto

Criado em 2003 pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) do Ceará, o projeto tem por objetivo fortalecer a cultura popular cearense, a partir da catalogação, num primeiro momento, das manifestações culturais presentes nos assentamentos do estado e, posteriormente, incentivar as manifestações artísticas presentes no cotidiano dos agricultores, possibilitando o intercâmbio de artistas de diferentes comunidades, estabelecendo outros olhares para o aproveitamento do conhecimento cultural já desenvolvido nas localidades. Uma das principais preocupações do projeto é fornecer um conhecimento teórico-prático para as diversas formas de aproveitamento artístico utilizando principalmente o que a comunidade já possui de manifestação popular para o fortalecimento de uma identidade cultural local e o desenvolvimento cidadão da juventude em questão que faz da arte um ponto de fortalecimento dela mesma e dos seus agentes.

Nossa participação no projeto situou-se no segundo momento onde nosso principal objetivo é oferecer conhecimento didático, técnico, teórico e prático para a consolidação dessas manifestações como instrumento artístico de visibilidade dessas comunidades, ampliando suas vertentes culturais pré-existentes e fortalecendo a identidade cultural em seus vários âmbitos, além de reforçar objetivos, metas e propósitos do assentamento na questão da Reforma Agrária utilizando a dança tradicional como principal agente mobilizador de afirmação do território. Vemos o território aqui como um lugar que abriga não somente os aspectos geográficos, mas também aspectos sociais e culturais. Esse lugar demarcado é, assim como qualquer outro território, um lugar fazedor de cultura e o trabalho com arte nesses locais fortalece a cidadania dos indivíduos perante a sociedade em geral. Assim como afirma Barbosa (2008), o próprio indivíduo é afetado pelas características do território e, por isso, este último se torna um lugar (espaço/tempo) demarcado por intencionalidades humanas, cujas identidades perpassam pelas características da comunidade, tanto em ordem individual como grupal.

O trabalho está sendo realizado nos assentamentos Boa Água (Banabuiú-Ce) e Tiracanga (Canindé-Ce), por já desenvolverem ações artístico-culturais voltadas à dança. A partir dessas ações nosso trabalho utiliza como viés metodológico o estudo prático das matrizes de nossas danças, por meio de vivências com o repertório de danças tradicionais brasileiras e a experimentação do corpo cênico nas diversas formas contemporâneas de criação. O Processo contém 150 horas/aulas (que podem ser prolongadas a 180 horas/aulas, dependendo da necessidade da comunidade) de formação dividida em módulos, com a residência de cerca de quatro dias consecutivos por módulo em contato com a comunidade e seu modo de vida. Nosso deslocamento da sede do município para o assentamento era feito por moto, já que, muitas das vezes, devido o grande período de chuvas do ano corrente e as estradas serem de areia e pedra, este era o único meio de transporte que dava acesso ao local. Durante o período da oficina, nos hospedamos na casa de um dos componentes do grupo ou de um líder comunitário, que nos receberam com simplicidade, mas com uma preocupação e atenção imensuráveis, o que nos possibilitou uma melhor compreensão do universo rural vivido pela comunidade.

O conteúdo ministrado nas duas localidades partiu primeiramente da utilização da dança como um acontecimento social, de crítica ou não, e da formação da cidadania no indivíduo e em seus grupos por um olhar contemporâneo, modificador da realidade. A investigação da consciência corporal a partir das três matrizes étnicas principais da formação do povo brasileiro (Índio, Branco e Negro) foi utilizada como ponto de partida para o trabalho com as danças tradicionais cearenses, nordestinas e brasileiras. Abordamos também outros aspectos tradicionais do Ceará, além da dança, tais como usos e costumes e tipos característicos do nosso povo, para ser utilizado artisticamente em trabalhos autorais que reforcem a identidade local, a exemplo das lavadeiras, do vaqueiro, do agricultor, do jangadeiro e da rendeira. As oficinas também atenderam a solicitações específicas dos grupos, como manifestações populares do Nordeste, Sudeste e Sul e algumas danças sociais latino-americanas, promovendo, assim, atividades de educação intercultural, que reconhece a cultural do outro, sem desprestigiar a sua.

O trabalho visa, numa etapa conclusiva e avaliativa, uma formação mais técnica a respeito da montagem de um espetáculo, com todas as suas etapas, a citar: elaboração de contexto, exercícios de composição cênico-coreográfica, criação e composição de figurino e elementos cênicos, ensaios e apresentação, considerando que além da formação cidadã em

busca da identidade cultural, existe um eixo central que visa oportunizar trabalhos de arte de qualidade em espaços de exclusão.

3. Os Assentamentos e seus Grupos

3.1. Boa Água (Banabuiú-CE) e o Grupo Boartes

O assentamento localiza-se no Sertão Central cearense a 204 km da capital do estado, possui uma área de 7,5 mil hectares e abriga cerca de 170 famílias. O Grupo Boartes, desenvolvido desde 2001 apresenta um trabalho de dança popular tradicional unindo outras linguagens, como a dança contemporânea e o teatro, liderados, anteriormente por Robervan Matias, professor da escola Coronel Pergentino Ferreira, onde o grupo ensaiava. Hoje, com a saída do professor, o grupo está, a nosso ver, um pouco disperso e desmotivado a continuar por falta de liderança, o que nos serviu de alavanca para estimular a continuação do trabalho. O grupo conta hoje com quatorze componentes, majoritariamente composto por adolescentes, do sexo feminino. Já fez diversas apresentações fora dos limites de Banabuiú, como a sua participação no I Encontro dos Mestres do Mundo e nas feiras de Agropecuárias realizadas nas grandes cidades das macro-regiões cearenses e na capital.

3.2. Tiracanga (Canindé-CE) e o grupo Raízes da Terra

Localizado a cerca de 30 km de distância da sede do município de Canindé –CE (cerca de 110 km de Fortaleza), o Assentamento Tiracanga existe desde de 1989 e conta hoje com cerca de 60 famílias, numa área de 2.146 hectares. O grupo formado desde 2001 chama-se Raízes da Terra e teve na pessoa de Augusto Medeiros o seu maior incentivador. O Grupo nasceu da necessidade de engajar a juventude num trabalho cultural, fortalecendo, assim, seu sentimento de pertença, justificando toda uma luta anterior pela posse e apropriação da terra de seus familiares. O ponto forte do grupo está em montar uma quadrilha no período junino, premiada diversas vezes em festivais juninos da região de seu município. Já fez várias participações em encontros sobre reforma agrária em várias regiões do estado, e em feiras importantes como a I Feira da Agricultura Familiar, em 2008, em Fortaleza. Importante ressaltar o intercâmbio, ocorrido em 2007, do “Raízes da Terra” com a IV Bial Internacional de Dança do Ceará. Os componentes do grupo tiveram a possibilidade de assistir espetáculos de dança dos mais variados estilos, além de receberem em sua localidade uma oficina de dança contemporânea, o que ajudou na criação de suas performances baseadas na tradição.

4. Fundamentação Teórica

Para fundamentar nossas ações junto aos grupos formados em cada comunidade, nos valem de três vieses teóricos: o primeiro, pautado no contexto pedagógico de ensino, o segundo, justificando nosso olhar para o tradicional popular, e o terceiro, voltado ao olhar contemporâneo, hibridizado, para as manifestações culturais de um povo, especificamente, da dança.

Não poderíamos ter outra postura pedagógica frente a este trabalho a não ser aquela pautada na fraternidade e na maior aproximação possível entre o oficinheiro e os participantes, utilizando uma postura mais êmica³ do que ética, no processo, para nortear nossas atividades práticas. Durante nossa estadia nos assentamentos, devido à distância entre a sede municipal e ao difícil acesso à comunidade em questão, ficamos alojados na casa de um dos componentes. Esse convívio proporcionou contato direto com o seu modo de vida: suas atividades diárias, suas formas de lazer, seu trabalho agrícola etc., o que contribuiu tanto para uma maior aproximação de nossas atividades em sala com a realidade vivida no local quanto para a formação de um trabalho artístico centrado em suas tradições culturais.

Esses parâmetros pedagógicos são embasados na teoria da pedagogia da autonomia de Freire(1996) onde, dentre vários outros aspectos, afirma que o professor tem o dever de não só respeitar os saberes que os educandos trazem consigo, mas também discutir com eles a razão de ser desses saberes em relação ao ensino de um determinado conteúdo. Através de questionamentos direcionados ao leitor, Freire destaca: *“Por que não estabelecer uma ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres?”*.

Sobre o papel educacional do professor para um indivíduo ou grupo social assumir sua identidade cultural Freire (op. Cit.) ainda afirma:

“A questão da identidade cultural, de quem faz parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado. Tem que ver diretamente com a assunção⁴ de nós por nós mesmos”.

Toda a discussão a respeito de aspectos tradicionais da comunidade não só foi utilizado na teoria como nortear nosso trabalho prático, determinando o repertório a ser explorado durante a oficina e escolhendo o tema a ser tratado no trabalho final apresentado.

Nosso olhar para a cultura tradicional popular está centrado principalmente na concepção de autores como Martins (1986) que tem por tradição um *processo* de transmissão da herança cultural e não a herança em si. Com este ponto de vista, aponta-se o caráter dinâmico que cada manifestação tradicional tem em moldar-se para sua perpetuação perante as mudanças na sociedade. Afirma ainda Martins, a respeito da importância funcional do aspecto tradicional de uma manifestação:

“Sem a tradição nada ajudaria inovar porque o elemento resultante da inovação não se incorporaria à cultura, ele permaneceria com o indivíduo que o criara e o acompanharia ao tûmulo. (...) A tradição recebe elementos novos e abandona outros já sem serventia ou os adapta e os torna funcionais.

Sobre o aspecto dinâmico das danças tradicionais, focalizando mais em nosso objeto de trabalho, Katz (2004) revela que nenhuma manifestação cultural, mesmo sendo ela tradicional, está livre de modificação. Na busca de uma identidade cultural na dança do Brasil, a autora afirma:

“As danças populares brasileiras (...) seriam a salvaguarda última da dança brasileira. O equívoco dessa formulação se dá por conta da ignorância de que (...) o corpo da dança popular não escapa à ação, por exemplo, dos meios de comunicação de massa. Carnaval, capoeira, hip-hop – nada permanece imune à contaminação. Nem hoje, nem nos seus respectivos processos de formação, nos quais não se podem ignorar as relações coloniais e mercantis existentes.”

Baseados nesse conceito, formulamos a integração de aspectos tradicionais do cotidiano das comunidades em questão e atrelamos a nossa vivência com outros estilos de dança e de outras arte, sendo nossas ações o ponto de atravessamento entre o popular tradicional e o contemporâneo urbano.

5. Ações desenvolvidas

Iniciamos um trabalho de investigação dentro do cotidiano da comunidade e do homem sertanejo por meio das danças tradicionais populares e do nosso convívio com os integrantes durante a oficina. A partir daí buscamos extrair do universo da dança contemporânea o corpo cênico a ser trabalhado numa perspectiva tradicional. O teatro e a dança contemporânea no processo criativo têm possibilitado um mergulho individual na investigação do viver do homem simples, seus costumes e práticas cotidianas, elementos inspiradores e essenciais do processo em desenvolvimento, onde cada integrante participa diretamente da criação coletiva de um espetáculo final. Essa participação se torna natural

quando visamos o processo criativo e não o resultado por fim, onde cada integrante do grupo se sente a vontade para colocar suas idéias e expor pensamentos ligados ao tema estabelecido focando sempre a valorização da terra e o fortalecimento da sua identidade local. Baseado nesse ínterim, experiências se consolidaram no fim de cada etapa do projeto, como, no assentamento Boa Água: logo na primeira semana de nossas ações formou-se uma dança intitulada “lavadeiras”, que aproveitava o costume tradicional das mulheres do local de lavar roupa a beira do açude, cantando suas canções, como elemento base. No caso de Tiracanga, o que mais mobilizou os participantes foi a investigação corporal para a formação de um trabalho voltado para os períodos de seca e de chuva e o viés festeiro de nosso povo, encenando uma festa de interior, no período junino.

Em entrevista feita coletivamente no assentamento Tiracanga, os participantes ressaltaram a importância de se ter um conteúdo teórico sobre as danças tradicionais apresentadas, para um melhor embasamento quando da criação de uma nova dança feita pelos próprios membros da comunidade. Essa importância também foi verificada no assentamento Boa Água através da intensa gama de perguntas feitas pelos integrantes a respeito do conteúdo ministrado. Por esse motivo, disponibilizamos material escrito a respeito das principais danças estudadas em sala, bem como todo material de áudio utilizado na oficina.

A etapa de conhecimentos técnicos para a elaboração de uma apresentação artística foi apresentada em partes, durante todo o processo, de acordo com a curiosidade do grupo em saber sobre figurino, maquiagem, elementos cênicos, músicas utilizadas etc. Por ainda estarmos em fase de desenvolvimento do projeto, esta etapa não foi concluída.

6. Avaliação

Nossas atividades em locais como os assentamentos em questão fortalecem em demasia uma das premissas da Pedagogia da autonomia de Freire (op. Cit.) que diz:

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e que aprende ensina ao aprender (...). Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa(...). aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.”

A partir de uma convivência direta, sem atravessamentos, com a cultura das localidades, o desenvolvimento das atividades foi mais simples e, por outro lado,

enriquecedor ao extremo. Por sermos indivíduos majoritariamente urbanos, de metrópole, tínhamos uma visão distanciada dos costumes tradicionais de regiões que têm na agricultura e na pecuária o seu modo de viver. E esse olhar diferenciado, em comparação ao nosso, tornou-se extremamente importante para nosso aprendizado, tanto para utilização desses conhecimentos para outras práticas pedagógicas do mesmo aspecto, como para nossa vida cotidiana, que desvaloriza, por exemplo, água encanada, saneamento básico, luz elétrica, telefonia móvel, acessibilidade dentre outros, quesitos dos quais os assentamentos são carentes.

A hospitalidade de nosso povo comprova-se em ações como esta, ao percebermos uma mobilização espontânea dos participantes para que todas as atividades propostas transcorram sem grandes empecilhos. Esta mobilização se estende para além do grupo, atingindo familiares e moradores do assentamento, desde a assistência prestada durante o processo das oficinas, a citar, a providência de um espaço a serem desenvolvidas as ações práticas os lanches improvisados pelos próprios moradores a cada intervalo, até as tarefas diretamente ligadas à montagem do espetáculo, tais como confecção de figurino e construção de cenários. Essa acolhida por parte dos moradores e familiares do assentamento funciona como elemento motivador e essencial para sustentabilidade do grupo e consolidação da identidade cultural local, possibilitando ao próprio assentamento uma maior qualidade de vida.

Esse olhar além da prática artística, um olhar preocupado com o desenvolvimento social e cultural das comunidades nos faz transpor barreiras e romper as dificuldades, que sempre existirão como, em toda forma de fazer arte, dificuldades econômicas, de distância e localidade, por ser distante da sede do município, só é possível o acesso aos assentamentos por meio de motos percorrendo um caminho de difícil acesso. Nestas idas e vindas levamos e trouxemos, possivelmente, numa linha Paulofreiriana, trouxemos mais do que levamos e nossa dança coletiva aduba e água a terra de cidadania.

7. Referências Bibliográficas

BARBOSA, Jorge Luiz. *Cultura e território como política pública*. Publicado no site: <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=3897> acessado em 10 de setembro de 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

KATZ, Helena. Vistos de entrada e controle de passaportes da dança brasileira. In: CAVALCANTI, Lauro. *Tudo é Brasil*. São Paulo: Itaú cultural, 2004.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MARTINS, Saul. *Folclore: teoria e método*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

MARTINS, José Clerton de O. *Dança Popular, hoje*. In: Revista OlharCe – Publicação da Bienal Internacional de Dança do Ceará. Ano I, N° 1; Fortaleza, 2008.

¹ Aluno Iniciação Científica projeto Mira Ira – laboratório de vivências do Grupo de pesquisa em Cultura Folclórica Aplicada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFce

² Aluno Iniciação Científica projeto Mira Ira – laboratório de vivências do Grupo de pesquisa em Cultura Folclórica Aplicada do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFce

³ A abordagem êmica se propõe a analisar um determinado aspecto da sociedade de forma factual, ou seja, procura entender como o fato é visto verdadeiramente pelos agentes dessa ação. Para se obter esta abordagem, o pesquisador tem de se engajar na comunidade como pertencendo a ela. Esta abordagem se opõe à ética, que analisa um determinado evento com um olhar afastado, externo, sem muito envolvimento. Para maiores esclarecimentos, consultar http://instituto.antropos.com.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=56

⁴ O termo *assunção* no texto de Freire remete-se à questão de assumir o seu papel como indivíduo e o sua importância dentro da comunidade. Grifo do autor.